

OS LIMITES DA LINGUAGEM NO *TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS* DE LUDWIG WITTGENSTEIN

DIE GRENZEN DER SPRACHE IN LUDWIG WITTGENSTEINS *TACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS*

Guilherme Gonçalves Vilela¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo expor uma análise da obra *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein e, a partir disso, apresentar os limites da linguagem indicados pelo autor. Para realização dessa tarefa, é necessário que se leve em conta o caráter da obra que tende a estabelecer as condições de possibilidade da verdade ou falsidade das proposições que compõem a linguagem. Dentro dessa perspectiva, os seguintes tópicos discorrem primeiramente sobre as influências que marcaram a escrita do *Tractatus* e a forma como a filosofia de Frege e Russell impactou e contribuiu para a elaboração da obra. Em segundo plano, são abordadas as implicações da análise semântica da linguagem na construção da mesma, além de explanar o papel da lógica na construção de uma linguagem com sentido, que compartilhe de uma mesma estrutura com o mundo; feito isso, é possível o reconhecimento dos limites da linguagem e, posteriormente, uma indicação de quais seriam os temas sobre os quais não seria possível a construção de um enunciado com sentido. Tal questão toca em temas e discussões de grande importância para a filosofia. Por fim, tem-se a apresentação da conclusão da obra, que coloca dentro da esfera do Místico todas as proposições que tratam de quaisquer que sejam os temas metafísicos.

PALAVRAS-CHAVE: Limites da Linguagem. Lógica. Isomorfia. Místico.

ZUSAMMENFASSUNG: Dieser Artikel soll eine Analyse des Werks *Tractatus Logico-Philosophicus* von Wittgenstein präsentieren und darauf aufbauend die vom Autor vorgestellten Grenzen der Sprache diskutieren. Um diese Aufgabe zu erfüllen, ist es notwendig, den Charakter der Arbeit zu berücksichtigen, der dazu neigt, die Bedingungen für die Möglichkeit der Wahrheit oder Falschheit der Sätze festzulegen, aus denen die Sprache besteht. In dieser Perspektive werden zunächst die Einflüsse erörtert, die die Abfassung des *Tractatus* prägten, und wie die Philosophien von Frege und Russell die Ausarbeitung des Werks beeinflusste und dazu beitrug. Im zweiten Plan werden die Auswirkungen der semantischen Analyse der Sprache auf die Konstruktion der Sprache behandelt und die Rolle der Logik bei der Konstruktion einer sinnvollen Sprache, die dieselbe Struktur wie die Welt hat, erläutert; Auf diese Weise lassen sich die Grenzen der Sprache erkennen und in der Folge auch die Themen, zu denen eine sinnvolle Äußerung nicht möglich ist. Diese Frage berührt Themen und Diskussionen von großer Bedeutung für die Philosophie. Schließlich gibt es die Präsentation des Abschlusses des Werkes, der alle Sätze in den Bereich des Mystikers stellt, die sich mit allen metaphysischen Themen befassen.

SCHLÜSSELWÖRTER: Sprachphilosophie. Logik. Isomorphie. Mystiker.

INTRODUÇÃO

A filosofia da linguagem desponta dentro das diversas áreas da filosofia como um ramo que busca estímulos de pesquisa no fato de querer dizer algo sistemático acerca da noção intuitiva de significado (VALLE, PERUZZO, 2016, p. 5). No século XX isso não foi diferente, diversos filósofos expuseram suas teorias e fomentaram a discussão a respeito da linguagem e sua relação com o entendimento daquilo que é o homem, a partir da sua capacidade linguística e simbólica.

O filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951) desenvolveu na primeira metade do século XX uma filosofia cujo objetivo principal, segundo Grayling (1996, p. 27) é mostrar que os problemas da filosofia se solucionam quando se compreende a forma como funciona a linguagem. Para isso Wittgenstein recorre à crítica da linguagem como método para a realização desse projeto. É possível dividir sua produção em dois blocos marcados por ideias distintas que caracterizam o

1 Bacharelado de Filosofia na Faculdade Vicentina. Contato: guilhermevilela2703@gmail.com

‘primeiro e o segundo Wittgenstein’². Tendo como base o pensamento do ‘primeiro’ Wittgenstein, buscar-se-á nesse artigo apresentar quais os limites da linguagem descritos pelo autor na sua única obra publicada em vida, no ano de 1921, o *Tractatus Logico-Philosophicus*³.

Para Luis Henrique Lopes dos Santos (TLP, 2001, p. 12), inicialmente nota-se que é impossível o entendimento e a compreensão das ideias principais do *Tractatus* sem antes um prévio conhecimento da filosofia que foi o pano de fundo na sua elaboração. Partindo dessa ideia, primeiramente serão apresentadas algumas noções que influenciaram Wittgenstein na elaboração de sua obra. Posteriormente, adentrar-se-á naquilo que postulou Wittgenstein em relação ao papel e a importância da lógica na construção da linguagem com sentido, apresentando os conceitos de estado de coisas, isomorfia e funções de verdade. Ademais, a partir daquilo que se entende como linguagem com sentido, chegar-se-á à explicação conclusiva do autor que se refere a quais são os limites da linguagem e as implicações desses limites para a filosofia, principalmente o que diz respeito às áreas da ética e da metafísica.

1 A INFLUÊNCIA DAS TEORIAS DE FREGE E RUSSELL NA ELABORAÇÃO DO *TRACTATUS*.

O primeiro ponto a se analisar a respeito do contexto filosófico sob o qual Wittgenstein escreveu o *Tractatus* é o que diz respeito ao grupo de filósofos chamados de analíticos. Os principais expoentes desse grupo foram Frege, Russell e Wittgenstein. Para estes filósofos todos os problemas da filosofia se derivam do mau uso da linguagem, portanto, para resolver estes problemas era necessário uma ‘purificação’ da linguagem. O caminho para essa purificação seria a realização de uma análise da sintaxe lógica da linguagem e, através disso, estabelecer os limites da linguagem⁴.

Na filosofia dos analíticos (Frege, Russell e Wittgenstein) observa-se também que estes buscam uma linguagem formal, lógica, que se apropria de elementos matemáticos, como no caso das ideias de Frege, que usa os conceitos de argumento e função para construção dessa linguagem. Ao mesmo passo está Russell, com sua teoria do atomismo lógico⁵, postulando uma tentativa de separar o que pode e o que não pode ser dito. Wittgenstein por sua vez, sendo aluno de Russell, adota a ideia da isomorfia lógica entre linguagem e mundo. A filosofia de Wittgenstein não se debruça sobre as questões históricas ou políticas, mas se volta para aspectos analíticos da filosofia,

2 As duas fases da filosofia de Wittgenstein são bastante distintas. A primeira tem mais influência do logicismo de Frege e Russell, e tem como obra principal o *Tractatus Logico-Philosophicus*. Após abandonar a filosofia por cerca de um decênio, Wittgenstein passou a tomar como modelo a linguagem ordinária, falada em circunstâncias comuns, no dia a dia. Nessa segunda fase Wittgenstein abandona o fundamento lógico e passa a analisar a linguagem a partir do contexto em que está inserida. A principal obra dessa segunda fase são as *Investigações Filosóficas*. GRAYLING, A. C. **Wittgenstein**. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 1996. 157 p. (Coleção mestres do pensar)

3 No presente artigo, a obra será também referenciada pela sigla TLP.

4 EDIMAR BRÍGIDO. Filosofia da Linguagem. Curitiba. 26 de março de 2021. (Notas de aula).

5 Teoria de Russell que estuda o enunciado parte por parte, palavra por palavra, separadamente. EDIMAR BRÍGIDO. Filosofia da Linguagem. Curitiba. 26 de março de 2021. (Notas de aula).

analisando através de uma ótica lógica a relação entre pensamento e realidade (ARAÚJO, 2020, p. 15). Neste ponto se percebe a importância da Lógica dentro da filosofia tractatiana⁶. Essa influência lógica será evidenciada também nas produções do século XX, século no qual a filosofia da linguagem propiciou, por meio das obras de Frege, Russell, Wittgenstein, uma análise mais científica da linguagem⁷.

Um segundo ponto a se analisar dentro do contexto filosófico da escrita do *Tractatus*, parte das ideias do filósofo alemão Gottlob Frege. “As marcas do pensamento de Frege no *Tractatus* são muitas e de várias formas [...]”. (TLP, 2001, p. 24). Frege é o criador da ‘lógica matemática’⁸, pois em seus estudos tentou deduzir a aritmética da lógica. Observa-se que a principal contribuição de Frege para a filosofia da linguagem, segundo Costa (2002, p. 11), “Constitui na criação de uma teoria esclarecedora da natureza do significado. Significado foi o conceito ao qual os filósofos da linguagem deram maior atenção [...]”⁹. As ideias da teoria fregeana da distinção entre sentido e referência foram apresentadas num artigo intitulado *Sobre o sentido e a referência* em 1892 e se baseiam na distinção entre sentido ou modo de referir e a referência ou significação de um nome próprio ou de uma sentença. De acordo com o pensamento de Pinto (1998, p. 133), a forma como Frege articulou as noções de sentido e significado dadas dentro da sua teoria da linguagem não satisfizeram Wittgenstein.

Outro conceito da obra de Frege a respeito da linguagem é o de que as frases têm denotação, essa denotação consiste na circunstância da frase ser verdadeira ou falsa. Frege chega a essa conclusão trocando um conceito dentro de uma frase por outro que tinha o mesmo significado, que se referia à mesma coisa. Dado isso, nota-se que a verdade ou falsidade das frases, para Frege, está ‘para além do sentido’¹⁰ de cada proposição, porque se ela continua a expressar algo que tenha o mesmo sentido, apesar de usar de um nome diferente, a verdade da frase seguirá inalterada, caso contrário, ter-se-ia uma falsidade.

Dentro desse contexto, Wittgenstein dá uma alternativa mais convincente ao dizer que o sentido de uma frase é a descrição do fato que ela representa, sendo o fato existente, a frase se torna verdadeira, caso contrário, falsa. Essa ideia se afirma no pensamento da proposição 4.1213

6 Wittgenstein (TLP, 2001, p. 229) afirma na proposição 5.61 do *Tractatus* que “A lógica preenche o mundo, os limites do mundo são também os seus limites (...)”. A partir disso, para Luis Henrique Lopes dos Santos (p. 13) “[...] são poucos os textos filosóficos que tecem as relações entre lógica e filosofia de maneira tão densa e fecunda como o *Tractatus*.” E ainda, para Araújo (2020, p. 16), “(...) um mundo ilógico é absurdo, estaria fora de nossas possibilidades humanas de compreensão.”

7 Frege é um dos fundadores da lógica moderna, deduziu e ligou a lógica e a matemática, apontando que a segunda se deduz da primeira. Da mesma forma, Russell e Wittgenstein buscavam reduzir toda a matemática à lógica. Nesse contexto, a busca de ambos era criar uma linguagem para a filosofia, científica e exata, e essa ideia norteia Wittgenstein no *Tractatus*. (MORENO, 2000, p. 41-42)

8 Para Oliveira (2006, p. 59), “[...] ao que tudo indica a imensa contribuição de Frege à Lógica teria sua explicação no fato de ele a entender como ponto de partida iniludível de toda construção matemática.”

9 Ainda, segundo Costa (2002, p. 11), “[...] assim como filósofos de outras convicções deram uma atenção especial à palavrinha ‘ser’, os filósofos da linguagem também tinham as suas fixações, preferindo geralmente a palavra ‘significado’.”

10 Oliveira (2006, p. 64) explica que “[...] a busca da verdade que nos faz passar do sentido para a denotação da frase. O valor de verdade de uma frase é a circunstância de que ela é verdadeira ou falsa.”

do *Tractatus*, que apresenta a ideia de que “[...] estaremos de posse de uma concepção logicamente correta uma vez que tudo esteja conforme em nossa notação.” (TLP, 2001, p. 181). Portanto, a notação deve ser fiel ao fato que descreve. Em suma, embora embasado na problemática criada pela teoria de Frege, adotando suas ideias que visavam a construção de uma linguagem pura e livre de erros usando da lógica simbólica, Wittgenstein obteve disso boa parte do que lhe foi necessário para a elaboração do *Tractatus*.

Por outro lado, analisando o pensamento de Bertrand Russell, criador da teoria do atomismo lógico, encontra-se uma defesa da análise do enunciado feita “palavra por palavra”, buscando encontrar o sentido correto de cada termo e assim chegar ao sentido do enunciado¹¹. Russell parte da ideia de que existem dois conhecimentos, o conhecimento por familiaridade e o conhecimento por descrição (COSTA, 2002, p. 18).

Segundo o que explica Costa (2002, p. 18-19), o conhecimento por familiaridade é o conhecimento que temos das coisas com as quais somos imediatamente postos em contato daquilo que é diretamente experienciado. Já o conhecimento por descrição é aquele composto por constituintes dos quais temos conhecimento apenas por familiaridade. Esse é o caso do conhecimento complexo expresso pela maioria de nossas frases e também o caso do conhecimento de objetos físicos, do eu e de outras mentes.

A solução apresentada na teoria das descrições é duvidosa, o que leva Wittgenstein a questionar e desenvolver sua teoria que busca uma resposta mais correta às questões deixadas sem respostas por Frege e Russell. Da teoria do atomismo de Russell, Wittgenstein extrai uma base para sua análise das proposições complexas a partir das proposições elementares. Além da teoria das descrições, Russell concorda com Frege na ideia de que não há diferença essencial entre a lógica e a matemática, quanto a isso Frege diz que:

Espero poder afirmar no presente trabalho que tornou provável que as leis da aritmética sejam julgamentos analíticos e, conseqüentemente, *a priori*. Assim, a aritmética se torna simplesmente um desenvolvimento da lógica, e toda proposição da aritmética é uma lei da lógica, embora derivada. Aplicar aritmética nas ciências físicas é trazer lógica para os fatos observados; o cálculo se torna dedução. (FREGE, 1974, p. 271)

Para ambos os autores a aritmética pode ser deduzida da lógica. Frege apresenta uma dedução lógica dos números naturais, na qual Russell encontra um ciclo vicioso de “conjuntos de conjuntos”, um paradoxo que pode ser assim ilustrado: em uma cidade o barbeiro só faz a barba das pessoas que não se barbeiam. Pode-se perguntar então se o barbeiro faz a barba de si próprio. Caso ele faça sua própria barba, então ele não se barbeia, porque só faz a barba de quem não se barbeia. Entretanto, se ele não se barbeia, ele faz a sua própria barba, pois ele barbeia aqueles que não se barbeiam. Para a solução deste problema, segundo Penha (2013, p. 32), Russell “[...] propôs

11 Russell quer, com essa teoria, explicar que os erros da linguagem decorrem de não utilizar o termo certo no momento certo, dentro de um enunciado. EDIMAR BRÍGIDO. Filosofia da Linguagem. Curitiba. 26 de março de 2021. (Notas de aula).

que se criasse um conjunto de regras que limitasse o uso da linguagem. [...] ele expôs um sistema lógico-matemático cuja linguagem, por seu rigor, eliminaria todo tipo de paradoxo.”. É a chamada teoria dos tipos.

As ideias expostas acima são algumas das formulações de Frege e Russell que justificam o que Wittgenstein escreveu no prefácio do *Tractatus*: “Desejo apenas mencionar que devo às obras grandiosas de Frege e aos trabalhos de meu amigo Bertrand Russell uma boa parte do estímulo às minhas ideias.”. (TLP, 2001, p. 131). Apresentado o contexto filosófico que foi o pano de fundo do *Tractatus*, torna-se possível tomar apontamentos mais profundos e objetivos em relação às ideias apresentadas na obra.

2 O PAPEL DA LÓGICA NA CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM

Na introdução do *Tractatus*, Bertrand Russell apresenta um breve esqueleto dos temas que sustentam a filosofia da obra. Russell afirma que “[...] trata-se inicialmente da estrutura lógica das proposições e da natureza da inferência lógica. Depois, passamos sucessivamente à teoria do conhecimento, aos Princípios da Física, à Ética e, finalmente, ao Místico.”. (TLP, 2001, p. 113).

Deter-se-á no presente tópico nas questões que dizem respeito à natureza da inferência lógica, buscando apresentar e explicar quais as principais ideias que constituem o cerne da produção filosófica do autor, que é a reflexão lógica sobre o alcance representativo da linguagem e do pensamento. Nessa perspectiva, a lógica desempenha uma importante função na representação da realidade. Wittgenstein afirma na proposição 3.032 que “[...] representar na linguagem algo que ‘contradiga as leis lógicas’ é tão pouco provável quanto representar na geometria, por meio de suas coordenadas, uma figura que contradiga as leis do espaço, ou dar coordenadas de um ponto que não exista.” (TLP, 2001, p. 147). Outro elemento chave que marca a busca de Wittgenstein na escrita do *Tractatus* é o seu esforço por encontrar os “[...] limites para o pensamento – ou melhor, não para o pensar, mas para a expressão dos pensamentos [...]. O limite só poderá, pois, ser traçado na linguagem.” (p. 131).

Na busca por definir estes limites, para Santos (TLP, 2001, p. 13) “[...] são poucos os textos filosóficos que tecem as relações entre lógica e filosofia de maneira tão densa e fecunda como o *Tractatus*.”. Tal afirmação exprime bem o quanto as ideias de Wittgenstein estavam aguçadas pela busca de uma linguagem lógica perfeita, que encerrasse todos os problemas da má expressão e dissolvesse os problemas da filosofia. Esta é a grande meta perseguida por Wittgenstein, mostrar que todos os problemas são frutos do mau uso da linguagem; o autor afirma que “[...] o livro trata dos problemas filosóficos e mostra – creio eu – que a formulação desses problemas repousa sobre o mau entendimento da lógica da nossa linguagem.”. (p. 131.) Seguindo essa busca pela dissolução dos problemas filosóficos, Wittgenstein afirma ainda no prefácio que, em sua opinião, no essencial havia eliminado todos os problemas e sua obra seria uma mostra do quanto importa pouco tê-los

dissolvido¹² (p. 133).

Na proposição 4.01 Wittgenstein afirma que “[...] a proposição é uma figuração da realidade [...]” (p. 165); ou seja, uma imagem daquilo que acontece na realidade, mesmo que a primeira vista não pareça ser (proposição 4.011). Segundo Child (2013, p. 41), as proposições representam a realidade da mesma forma que as imagens representam, e isso se compreende após o entendimento de como as proposições representam a realidade. Esse entendimento se inicia com a compreensão de que uma proposição é uma imagem. Dessa forma, a abordagem do significado proposicional, no *Tractatus*, está contida nessa teoria da representação. Essa ideia de Wittgenstein é uma tentativa de enfatizar a diferença entre as proposições e os nomes, buscando assim evitar os problemas da teoria do significado de Russell. No *Tractatus*, na proposição 2.12 a teoria pictórica se expressa na afirmação de que a figuração é um modelo da realidade.

A teoria da representação pictórica está expressa também nas proposições seguintes à proposição 2.12, como se lê em: “2.13 Aos objetos correspondem, na figuração, os elementos da figuração. 2.131 Os elementos da figuração substituem nela os objetos. 2.14 A figuração consiste em estarem seus elementos uns para os outros de uma determinada maneira.”. (TLP, 2001, p. 143). Esta noção apresentada na proposição 2.14 é importante na compreensão dessa teoria, pois representa a relação de 1 para 1 entre fato e proposição, a cada elemento do fato deve corresponder um elemento da proposição, é isso que faz a isomorfia lógica entre fato e proposição ou o que faz ser a proposição um modelo lógico. Esse modelo é relativo à estrutura lógica dos componentes do estado de coisas e da proposição. Ademais, a explicação da teoria pictórica continua nas proposições “2.141 A figuração é um fato. 2.15 Que os elementos da figuração estejam uns para os outros de uma determinada maneira representa que as coisas assim estão umas para as outras [...]” (p. 143).

Nessa abordagem de Wittgenstein, podem ser encontrados três aspectos importantes para a explicação da sua teoria da representação; o primeiro deles é que na imagem cada sinal precisa representar um único elemento do fato que ela retrata. O segundo aspecto diz que a disposição dos objetos no modelo deve estar em conformidade com a disposição dos seus elementos correspondentes no mundo. Já o terceiro diz respeito à questão de que uma imagem deve representar uma situação que tenha ocorrência possível; por mais que uma imagem possa representar um estado de coisas falso, ela não poderia representar uma situação de ocorrência impossível. A situação representada na imagem pode acontecer ou não na realidade, mas não pode haver uma representação de uma situação que não poderia ocorrer, ou seja, algo impossível¹³.

12 Em duas proposições do *Tractatus* o autor demonstra a dissolução dos problemas primordiais da filosofia, a saber: “6.5 Para uma resposta que não se pode formular, tampouco se pode formular a questão. O enigma não existe. Se uma questão se pode em geral levantar, a ela também se pode responder.”. (TLP, 2001, p. 279). Adiante o autor afirma que mesmo que todos os problemas científicos fossem respondidos, os problemas da vida sequer seriam tocados, não restando assim nenhum problema filosófico, isso se conclui da afirmação da proposição “6.521 Percebe-se a solução do problema da vida no desaparecimento desse problema. (Não é por essa razão que as pessoas para as quais, após longas dúvidas, o sentido da vida se fez claro não se tornaram capazes de dizer em que consiste esse sentido?).” (p. 279).

13 Na proposição 2.203 se justifica o terceiro aspecto, pois “A figuração contém a possibilidade da situação que ela representa.”. (TLP, 2001, p. 145).

Essa abordagem, para Wittgenstein, é aplicável às proposições e isso se enuncia claramente nas proposições 3.14, 3.21, 3.22 e 4.01 do *Tractatus*. Trazendo os aspectos do parágrafo acima para a análise da linguagem na sua representação do mundo, segundo Child (2013, p. 43), cada palavra de uma frase diz respeito a um objeto contido no fato que ela figura; da mesma forma a disposição das palavras, se a proposição é verdadeira, é a mesma disposição que estão os objetos no fato representado pela fala e, por último, a proposição não pode dizer algo que seja impossível de acontecer na realidade. Caso estas três abordagens sejam verdadeiras na proposição, esta proposição é verdadeira e representa a realidade, se um desses aspectos é infringido, a frase é falsa ou logicamente impossível¹⁴.

Partindo dessa ideia tractatiana de que a linguagem é um modelo da realidade, para Pinto (1998, p. 159) “[...] a proposição representa o fato do mundo por que possui algum tipo de isomorfismo com ele.” Analisar a verdade ou falsidade de uma proposição, passa também por entender a proposta de Wittgenstein que afirma a existência de um isomorfismo lógico entre linguagem e mundo. Para Valle e Peruzzo (2016, p. 82), o isomorfismo lógico se mostra quando a estrutura dos nomes na proposição está em relação unívoca com a estrutura dos objetos no fato. Do contrário, a estrutura comum entre mundo e linguagem é desrespeitada, o que torna falsa a proposição.

Dentro dessa ideia torna-se necessária uma análise da linguagem a fim de compreender quais estruturas sustentam a relação lógica entre linguagem e mundo¹⁵. De acordo com o pensamento de Oliveira (2006, p.105), “[...] Wittgenstein afirma uma identidade estrutural entre o mundo dos fatos e o pensamento, isto é, a estrutura do pensamento corresponde à estrutura do mundo [...]”. Essa correspondência de estruturas é o que caracteriza o isomorfismo lógico existente entre linguagem e mundo. Entretanto, essa análise da relação lógica entre pensamento, linguagem e mundo exige antes uma compreensão da noção de “estado de coisas”.

Estado de coisas é noção elucidativa de fato, ela é anterior à exposição do pensamento e linguagem. Essa noção foi introduzida por Wittgenstein na proposição “2 O que é o caso, o fato, é a existência de estados de coisas.” (TLP, 2001, p. 135). Adiante, Wittgenstein afirma que os estados de coisas são ligações de objetos (proposição 2.01), e na proposição 2.04, conclui que a totalidade dos estados existentes de coisas é o mundo. Portanto, seguindo a conclusão de Valle e Peruzzo (2016, p. 81) “[...] os fatos simbolizam estados de coisas, isto é, que algo seja o caso no símbolo diz que algo é o caso no mundo. O fato então é a existência de estados de coisas, e o estado de coisas é uma ligação de objetos.”.

14 A impossibilidade de se pensar ou representar cenas que estejam fora das leis lógicas é expressa nas seguintes proposições do *Tractatus*: “3.031 Já foi dito que Deus poderia criar tudo, salvo o que contrariasse as leis lógicas. – É que não seríamos capazes de *dizer* como pareceria um mundo ‘ilógico’. 3.032 Representar na linguagem algo que ‘contradiga as leis lógicas’ é tão pouco possível quanto representar na geometria, por meio de suas coordenadas, uma figura que contradiga as leis do espaço; ou dar coordenadas de um ponto que não exista.”. (p. 147).

15 Deve haver na afiguração e no afigurado, algo de idêntico, de modo que um seja a representação do outro, isso se expressa nas proposições 2.161 e 2.17 do *Tractatus*. Para Penha (2013, p. 40) “Na perspectiva adotada no *Tractatus*, a linguagem está sempre referida ao mundo. E só adquire validade quando fundamenta uma imagem do mundo, isto é, dos fatos.”.

Os estados de coisas são constituídos pela substância do mundo, ou seja, coisas ou objetos (proposição 2.01), e estes objetos são necessariamente simples, porque não se decompõem em outros estados de coisas mais simples que os constituem, caso isso ocorresse estes objetos não seriam a substância do mundo, pois seriam também constituídos.¹⁶ Os estados de coisas ainda se dividem em dois grupos, os fatos positivos e os fatos negativos (proposição 2.06). Os positivos são aqueles que existem, são fatos, já os negativos são estados de coisas possíveis, mas que não existem na realidade. Segundo Von Zuben:

Existindo, o estado de coisas é chamado fato, não existindo, permanece como um estado de coisas possível, [...]. O livro sobre a mesa é um fato, se ele está sobre a mesa, mas, se não estiver, será apenas um estado de coisas que não é o caso. Essa distinção entre fato e estado de coisas é importante para que se observe que a estrutura lógica do mundo não é afetada pela condição ontológica de existência. Os fatos ocorrem ou não, mas logicamente se mantêm os mesmos. (VON ZUBEN, 2021, p. 4-5)

Compreendida a noção de estado de coisas, chega-se à análise das proposições por meio da observação de que todos os fatos são a existência de um conjunto de estados de coisas (GLOCK, 1998, p. 159). No *Tractatus*, Wittgenstein afirma ainda na proposição 2.032 que a maneira como os objetos se vinculam no estado de coisas é a estrutura do estado de coisas. Sendo assim, a estrutura do fato é formada pelas estruturas das ligações dos estados de coisas.

Conclui-se então que as proposições verdadeiras são constituídas por estados de coisas existentes. Nesse sentido, a verificação de verdade das proposições complexas se dá por meio da análise¹⁷ de suas proposições elementares que a constituem. As proposições elementares são constituídas por nomes, sinais simples, que tem função de substituir objetos, nessas proposições a forma como se ligam os nomes deve ser correspondente com a forma que se ligam os objetos no estado de coisas (VALLE, PERUZZO, 2016, p. 82). Dessa forma, uma proposição complexa é uma função de verdade de suas proposições elementares constituintes. Na proposição 4.25 do *Tractatus* isso se afirma, pois “[...] é verdadeira a proposição elementar, então o estado de coisas existe; é falsa a proposição elementar, então o estado de coisas não existe.” (TLP, 2001, p. 191).

Nesse ponto se encontra a ideia das funções de verdade, que consiste no fato de que a verdade de uma proposição composta depende da verdade de uma proposição elementar que a constitui (PENHA, 2013, p. 45). A construção dessas proposições ocorre por meio do uso de conectivos lógicos, como “não”, “e”, “ou”, “se... então...”¹⁸. Quanto à teoria da função de verdade das proposições complexas, isso também se afirma no *Tractatus* na proposição 4.52:

16 No *Tractatus*, Wittgenstein sustenta que os objetos são simples e não constituídos nas proposições seguintes: “2.02 O objeto é simples. 2.021 Os objetos constituem a substância do mundo. Por isso não podem ser compostos. 2.26 Só havendo objetos pode haver uma forma fixa do mundo.” (TLP, 2001, P. 139-141)

17 A análise, segundo Wittgenstein, deveria ser feita por meio das Tabelas de Verdade, que serão abordadas posteriormente.

18 Na proposição 4.0312 Wittgenstein afirma que sua ideia básica é que as constantes lógicas não substituem nada e que a lógica dos fatos não se deixa substituir. Segundo Child (2013, p. 57) as constantes lógicas não representam nenhum objeto e nenhum fato no mundo, são apenas conectivos lógicos das proposições. Vê-se então que a lógica se dá nas proposições de forma estrutura e não representativa, o que se encontra também nas proposições 4.441, 6.11 do *Tractatus*.

As proposições são tudo que se segue da totalidade de todas as proposições elementares (e, naturalmente, também de ser a *totalidade delas todas*). (Assim, em certo sentido poder-se-ia dizer que todas as proposições são generalizações das proposições elementares.). (TLP, 2001, p. 201)

Para representar essas funções de verdade Wittgenstein criou o sistema de tabelas de verdade que, segundo Glock (1998, p. 343), “[...] são representações tabulares do modo como os valores de verdade de proposições moleculares dependem dos valores de verdade dos elementos que as compõem.” Uma tabela de verdade representa, de forma geral, uma proposição e, por meio da análise da verdade ou falsidade de suas proposições constituintes, torna-se possível a notação da verdade da proposição complexa em sua integralidade¹⁹. Wittgenstein chegou ainda à conclusão de que fazendo uma operação única de negação conjunta²⁰, pode-se chegar a qualquer função de verdade das proposições elementares. Na proposição 6 do *Tractatus*, a forma geral de uma função de verdade é apresentada da seguinte forma: $[\bar{p}, \bar{\xi}, N(\bar{\xi})]$.

A fórmula ‘ $[\bar{p}, \bar{\xi}, N(\bar{\xi})]$ ’ especifica uma série: O primeiro termo representa uma lista de todas as proposições elementares, por isso não se nota com ‘p’, sinal de proposição elementar, mas por ‘ $\bar{p}$ ’, onde ‘p’ está encimado pela barra ‘-’. O segundo termo, ‘ $\bar{\xi}$ ’, representa o conjunto de todas as proposições derivadas das primeiras. O terceiro termo ‘ $N(\bar{\xi})$ ’ representa o resultado da aplicação simultânea da negação de ‘ $\bar{\xi}$ ’. O sinal ‘N’ simboliza uma versão generalizada da barra de Sheffer, uma vez que se trata de negação de todas as proposições derivadas da lista completa de proposições elementares, notada por ‘ $\bar{p}$ ’. (VON ZUBEN, 2021, p. 54)

Em continuidade à sua análise das proposições, para Wittgenstein da mesma forma que existem palavras lógicas, que são os conectivos que estabelecem as relações entre as proposições, existem também proposições lógicas chamadas tautologias. Segundo Glock (1998, p. 346-348), tautologia é um termo de origem grega, que significa ‘repetição do que foi dito’²¹.

Partindo da ideia de que os limites da linguagem do indivíduo significam os limites de seu mundo e da noção de que a lógica preenche o mundo, (proposições 5.6 e 5.61); torna-se possível estabelecer os limites da linguagem também em decorrência de que a linguagem expressa os fatos que existem no mundo. Quanto a esses limites, Wittgenstein os expressa de forma categórica e conclusiva na proposição número 7 do *Tractatus*: “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar.” (TLP, 2001, p. 281).

3 OS LIMITES DA LINGUAGEM E O SILÊNCIO DA FILOSOFIA QUANTO ÀS PROPOSIÇÕES QUE NÃO PERTENCEM ÀS CIÊNCIAS NATURAIS

O antropólogo Ernst Cassirer (2012, p. 54) entende que a fala não é um fenômeno simples e uniforme. Isso faz com que seja necessário buscar a ordem e a inter-relação dos elementos que

constituem a linguagem, essa busca é semelhante a uma descoberta de camadas geológicas da linguagem que são compostas pelos diversos elementos linguísticos de um povo ou de determinada cultura. Wittgenstein também parte dessa busca pela compreensão da estrutura da linguagem e, como já foi dito, postula essa estrutura a partir da análise sintática e lógica da linguagem. De acordo com Moreno (2000, p. 28), “[...] a noção de linguagem no TLP não corresponde ao fato empírico das diferentes línguas, mas sim à forma lógica da representação em geral”. Nesse sentido, Wittgenstein não busca uma linguagem ideal que expresse fatos indizíveis pela linguagem ordinária, mas busca uma notação ideal, capaz de expressar a estrutura lógica que constitui as proposições.²² (PERUZZO, 2018, p. 30).

Wittgenstein afirma no prefácio do *Tractatus* que a obra busca um limite para a expressão do pensamento, e que esse limite só pode ser traçado na linguagem, sendo assim, aquilo que está além desse limite é um contrassenso (TLP, 2001, p. 131). Dessa forma, entende-se que para Wittgenstein os limites da linguagem estão intrinsecamente relacionados com a possibilidade de o enunciado representar algo que esteja no mundo. Portanto, a busca por estes limites encontra nos fatos do mundo o limite da linguagem; assim sendo, na medida em que a linguagem não descreve fatos que ocorrem no mundo, desrespeita esses limites²³.

No pensamento de Wittgenstein, uma proposição representa a existência ou não existência de um estado de coisas, a partir disso, para Child (2013, p. 76) “Nessa abordagem, as únicas proposições genuínas são aquelas que afirmam questões de fato empírico. Pois aquelas são as únicas proposições que representam a existência e a não existência de estados de coisas.” A partir da proposição 6.53 (TLP, 2001, p. 281) Wittgenstein afirma que “O método correto da filosofia seria propriamente este: nada dizer, senão o que se pode dizer; portanto, proposições da ciência natural [...]”. Conclui-se então que aquilo que pode ser dito se limita às proposições da ciência natural. Child (2013, p. 63), afirma também que esta é uma visão radical de Wittgenstein sobre onde residem os limites da linguagem. Partindo disso, a linguagem se torna apenas uma descrição do que é o mundo, por meio dela descrevemos fatos no mundo, não o próprio mundo, que é indizível²⁴ (OLIVEIRA, 2006, p. 112-113).

Dessa forma, ainda para Dall’Agnol (p. 63) “As proposições filosóficas são uma forma peculiar de transgressão do sentido. [...] As pseudoproposições filosóficas são contrassensos porque pretendem dizer o indizível”. Seguindo este pensamento, duas áreas importantes da filosofia são entendidas por Wittgenstein como componentes do campo daquilo sobre o qual nada se pode dizer. Tanto a ética como a metafísica estão para além do mundo físico, por isso estão além dos limites da linguagem.

22 Na proposição 4.023 do TLP (p. 159), Wittgenstein expressa a sua busca por esta notação ideal quando afirma que “A proposição constrói um mundo com a ajuda de uma armação lógica, e por isso pode-se muito bem ver na proposição como está, se ela for verdadeira, tudo que seja lógico.”

23 EDIMAR BRÍGIDO. Filosofia da Linguagem. Curitiba. 14 de maio de 2021. (Notas de aula).

24 Da mesma forma que não se pode falar do mundo, também não se pode falar da linguagem. Sendo assim, Wittgenstein entende ser impossível a metalinguagem, tendo em vista que esta somente figuraria a estrutura lógica da linguagem, o que é para Wittgenstein um contra-senso. A estrutura da linguagem é indizível assim como o mundo o é, apenas é possível que essa estrutura se mostre; o que torna a metalinguagem uma ilusão (OLIVEIRA, 2006, p. 113).

Tomando a distinção fundamental de todo o TLP, que consiste em distinguir o dizer e o mostrar, é notável que a obra tenha em si um sentido ético e, comparando a introdução e a conclusão da obra, infere-se que o núcleo do sentido ético do TLP está na relação entre o falar e o nada dizer (p. 117-118). A inferência dessa noção desemboca na questão da transcendentalidade da Ética; Wittgenstein expressa essa noção na proposição 6.421, que diz que “[...] a ética não se deixa exprimir. A ética é transcendental [...]” (TLP, 2001, p. 277).

Essa transcendentalidade se justifica tomando como base as proposições 6.4 e 6.41, que afirmam o seguinte:

6.4 Todas as proposições tem igual valor. 6.41 O sentido do mudo deve estar fora dele. No mundo, tudo é como é e tudo acontece como acontece; não há nele nenhum valor – e se houvesse, não teria nenhum valor. Se há um valor que tenha valor, deve estar fora de todo acontecer e ser-assim. Pois todo acontecer e ser-assim é casual. O que o faz não casual não pode estar no mundo; do contrário, seria algo, por sua vez, casual. Deve estar fora do mundo. (TLP. 2001, p. 275)

Os valores da Ética, assim como todos os demais termos que se referem a algum valor, estão além dos fatos do mundo, mesmo que o termo “bom” possa ser dito nas proposições, seu valor ético não tem um correspondente no mundo, e mesmo assim o termo se torna fundamentalmente um constituinte do mundo, essa característica é o que dá ao termo “bom” o seu caráter e valor ético (DALL’AGNOL, 2005, p. 117-118).

Dadas as noções que colocam as proposições da ética para além dos limites da linguagem, o TLP apresenta a dimensão do Místico²⁵, dimensão composta justamente por tudo aquilo que está para além desses limites linguísticos. Na proposição 6.44 Wittgenstein caracteriza o Místico como sendo ‘o que’ o mundo é, e não ‘como’ ele seja (TLP, 2001, p. 279). Já na proposição 6.522 o autor caracteriza o místico como o inefável, aquilo que se mostra (p. 281). Nesse contexto, a palavra mostrar não coincide com algo que possa ser expresso ou mostrado na linguagem, o significado do termo se relaciona mais com uma vivência mística, ou ainda, em termos kantianos, o que se mostra segundo Wittgenstein, é semelhante àquilo que para Kant é dado como um postulado da razão prática (STEGMULLER, 1977, p. 427).

Seguindo o pensamento de Brígido e Valle (2018, p. 101) “O místico se mostra, de maneira exponencial, por meio das ações do cotidiano e das artes.” Portanto, é dentro dessa esfera do Místico que se encontram todos os elementos que estão além dos limites da linguagem. Tanto os discursos éticos, religiosos e metafísicos são pertencentes ao Místico, e desse Místico nada se pode dizer, mas apenas mostrar. Stegmuller (1977, p. 427), afirma que “para o linguismo transcendental de Wittgenstein, aquilo que se acha para além dos limites do experimentável coincide com o que não pode ser descrito numa linguagem dotada de significado.” Nesse sentido as proposições

25 A compreensão da noção do Místico no TLP exige antes a elucidação da intenção de Wittgenstein ao usar o termo, ou talvez, da compreensão daquilo ao qual o termo não se refere. Sobre isso, Dall’Agnol (2005, p. 69) afirma que “Não há nada no TLP que autorize qualquer forma de misticismo. Muito menos, teorias que defendam algo que é enigmático, misterioso, oculto, etc. [...] é fundamental, na utilização que faço do conceito de ‘místico’ uma desvinculação de qualquer corpo doutrinário ou sistema de crenças. Jamais usei o termo misticismo[...] Nenhum conjunto de dogmas místicos, seja lá de que espécie for, é defendido no *Tractatus*.”

metafísicas não expressam nada que seja demonstrável, mas apenas são construções linguísticas absurdas, o que faz com que os limites do experimentável e do não experimentável sejam os mesmos limites daquilo que é significativo ou absurdo (idem).

A partir disso, Fanm (1992, p. 53), discorre de forma clara e elucidativa sobre maneiras de exprimir o indizível:

O inexprimível, o que é realmente importante, não pode ser dito (por meio das ciências naturais), mas somente mostra-se (através da música, da arte, da literatura, da religião, e outros). Existem muitas maneiras de mostrar o inexprimível. [...] O místico pode ser mostrado. (FANM, 1992, p. 53)

Dentro de toda essa perspectiva desenrola-se também o projeto filosófico de Wittgenstein que diz respeito à metafísica. De acordo com Pinto (1998, p. 247), “assim como na ética, não pode haver proposições na metafísica. Isso, não no sentido de que a metafísica seja impossível, mas transcendental.” No *Tractatus* isso se mostra quando na proposição 6.53 Wittgenstein afirma que “[...] sempre que alguém pretendesse dizer algo de metafísico, mostrar-lhe que não conferiu significado a certos sinais em suas proposições.”

Antes, nas proposições 6.5, 6.51, 6.52 e 6.521 o autor trata de clarificar a ideia de que em relação aos temas metafísicos não é possível formular proposições sem que os limites da linguagem sejam ultrapassados; ao afirmar que não é possível haver uma resposta sem que haja uma pergunta Wittgenstein reforça que todas as dúvidas metafísicas são contrassensos, não é possível que haja proposições metafísicas que contenham em si conteúdos descritivos, haja vista que as proposições metafísicas tentam descrever o que existe em sentido absoluto, a essência do mundo e as condições de possibilidade dos fatos, mas sabe-se que, segundo a filosofia do TLP, somente é possível que haja uma descrição dos fatos, por meio da linguagem (PINTO, 1998, p. 246).

Em suma, em relação ao tema da metafísica, segundo Pinto (p. 248) “[...] não podemos formular respostas às questões metafísicas, como também não podemos sequer formular tais questões. Uma questão só pode ser formulada quando está presente o conteúdo descritivo correspondente.” Em consonância com este pensamento, Stegmuller (1977, p. 428), reafirma a ideia de que “Sobre os enigmas da vida e da realidade não podem ser formuladas proposições com sentido”, em decorrência disso, a proposição 7 do TLP encerra a obra afirmando o silêncio como consequência da impossibilidade de formulação de proposições em relação àquilo que está para além dos fatos.

Tomando como base a proposição 7 do TLP, que fala sobre ‘o que não se pode falar’, percebe-se que a proposição é também um contrassenso que faz com que a filosofia esteja sempre atrelada há uma linguagem repleta de contrassensos e, a experiência daquilo que são conteúdos do místico, torna-se propriedade do inexprimível. Nesse sentido a crítica da linguagem de Wittgenstein reforça a ideia de que nem a questão nem a resposta sobre o sentido da vida podem ser formuladas linguisticamente (PINTO, 1998, p. 251). Ao tocar este tipo de questão, a linguagem esbarra em seu limite, intransponível que impossibilita que uma imagem se ajuste a esse problema,

torna-se assim impossível a figuração do infigurável por meio da linguagem. (BRÍGIDO, VALLE, 2018, p. 102). Diante de tal impasse que constitui a ausência de representação para questões dessa natureza, a melhor escolha é a própria conclusão da obra de Wittgenstein, a via do silêncio: “7 Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar.” (TLP, 2001, p. 281).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem, em sua natureza, sempre encontra e esbarra em limites. Diferentes pensadores refletiram sobre essa questão que, ao longo do tempo, vem se tornando cada vez mais atual e necessária. Os limites do conhecimento, os possíveis limites da liberdade humana, os limiares entre a vida e a morte, são ainda propostas de reflexão que não carregam consigo uma resposta imutável e, da mesma forma, os limites da linguagem e da construção de enunciados com sentido ainda são discutidos dentro da filosofia. Como já visto, é nesse cenário que Wittgenstein expõe suas ideias a respeito do tema no *Tractatus*, e estas ideias impactam toda a filosofia posterior à sua existência.

Em uma leitura menos minuciosa da obra é difícil encontrar e perceber quais as fontes e os autores que serviram de base para que Wittgenstein elaborasse suas proposições tractatianas, porém é sabido que a análise da obra do “primeiro” Wittgenstein exige antes uma reflexão sobre os filósofos que fizeram com que o autor desenvolvesse suas ideias e por isso, compreender os conceitos e os temas primordiais da filosofia de Frege e Russell, principalmente, é de antemão uma tarefa necessária para o melhor entendimento dos objetivos e conclusões do *Tractatus*. A base disso está no fato de que Frege e Russell são os únicos filósofos os quais Wittgenstein faz uma menção em referência à questão de deles ter extraído bases para a construção de sua filosofia.

Posteriormente, construída e entendida essa base que sustenta o pensamento de Wittgenstein na elaboração de sua obra, torna-se possível e mais clarificada a análise de sua obra e a percepção de como seus conceitos impactam a filosofia. A ideia de que mundo e linguagem compartilham de uma mesma estrutura, de que a linguagem só tem sentido se o termo encontra no mundo o seu correspondente e a noção de que a lógica preenche esse mesmo mundo são conceitos chave para uma compreensão do *Tractatus*. Entretanto, a crítica da linguagem utilizada por Wittgenstein como método de sua produção filosófica desemboca em conclusões que dissolvem problemas e questões que até então eram considerados primordiais para a filosofia.

Dessa forma, ao afirmar que somente as proposições das ciências naturais seriam proposições dotadas de sentido, Wittgenstein adjetiva as proposições metafísicas, éticas e religiosas como absurdos e contrassensos. Dentro dessa perspectiva, o limite é estabelecido e a linguagem, encontra no mundo o seu limite, e o mundo, segundo o próprio Wittgenstein, é a totalidade dos fatos e não das coisas. Sendo assim, aquilo que está para além desse limite é postulado como pertencente à esfera do Místico. No Místico repousam as respostas para os problemas primordiais da vida que, no entanto, não podem ser respondidos a partir de uma linguagem científica, já que

estão além dos limites da linguagem humana.

Sendo assim, infere-se que daquilo que está para além do limite, nada pode ser dito. A metáfora do olho e do campo de visão exemplifica bem essa questão, o homem em sua limitação apenas enxerga aquilo que está diante dos olhos, mas os olhos em si, não podem ser vistos. Da mesma forma ocorre na linguagem que se depara diante dos fatos do mundo e constrói enunciados correspondentes a eles, mas sobre si mesmo e suas estruturas nada pode dizer. Tal afirmação torna até mesmo o *Tractatus* um grande contrassenso e isso é dito pelo próprio Wittgenstein, que entende a obra como uma escada, que após conduzir o leitor a uma visão mais panorâmica e correta do mundo, pode ser jogado fora da mesma forma que ao chegar-se ao ponto alto ao qual conduz uma escada, dela não se faz mais uso.

Portanto, empreitar-se na compreensão e análise das proposições do *Tractatus* é tarefa semelhante à subida de uma escada, que conduz o leitor a um desvelamento das ilusões das pseudoproposições até então tidas como questões primordiais dentro da filosofia. Em suma, pode-se inferir que a partir de uma leitura tractatiana, a filosofia tem como método mais correto o nada dizer além daquilo que pode ser dito, o nada dizer que esteja para além dos limites das proposições da ciência natural.

A proposta é intrigante, pois coloca o ser humano em uma posição de silêncio e contemplação do Místico ao invés da construção de enunciados sem sentido frente às questões que até então, e ainda hoje, são consideradas primordiais para sua existência, mas que sequer existem dentro da proposta do *Tractatus*. Diante disso a impressão aparente é a de que não se produz e nem se ensina filosofia, mas, mesmo diante dessa possível insatisfação causada no leitor, o método mais assertivo, segundo Wittgenstein, é a via do silêncio para aquilo que está além do limite da linguagem. Assim, a proposição final do *Tractatus* torna-se nada mais que uma inferência lógica exata sobre aquilo de que se pode falar na linguagem com sentido.

REFERÊNCIAS

BORTOLO, V. BRÍGIDO, E. **Wittgenstein: a ética e a constituição do gênio**. Curitiba: CRV, 2018. 236 p.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. Tradução de Tomás Rosa Bueno. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, s.p. (Biblioteca do pensamento moderno)

CHILD, Willian. **Wittgenstein: introdução**. Tradução de Roberto Hofmeister. Porto Alegre: Penso, 2013. 286 p.

COSTA, Claudio. **Filosofia da Linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 63 p. Coleção Passo-a-Passo.

DALL'AGNOL, Darlei. **Ética e linguagem: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein**. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Leopoldo: Unisinos, 2005. 224 p.

FANM, K. T. **El concepto de filosofia em Wittgenstein**. Madrid: Tecnos, 1992. s.p.

FREGE, Gottlob. **Os fundamentos da aritmética**. In: _____. Pensadores XXXVI. Tradução de Luis Henrique dos Santos. Edição de Victor Civita. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 201-291. (Coleção Os pensadores)

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Tradução de Helena Martins. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. 398 p.

GRAYLING, A. C. **Wittgenstein**. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 1996. 157 p. (Coleção mestres do pensar)

JUNIOR, L. P.; MARTÍNEZ, H. L.; VALLE, B. (Orgs.). **WITTGENSTEIN: perspectivas**. (2. ed.) Curitiba: CRV, 2020. 174 p.

_____. **Realidade, linguagem e metaética em Wittgenstein**. Curitiba: Pucpress, 2018. 288 p.

JUNIOR, L. P.; VALLE, B. (Orgs.). **Filosofia da Linguagem**. Curitiba: Pucpress, 2016. 272 p.

MORENO, Arley R. **Wittgenstein: os labirintos da linguagem, ensaio introdutório**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000. 128 p. (Coleção Logos)

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. 3ed. São Paulo: Loyola, 2006. 427 p.

PENHA, Joao da. **Como ler Wittgenstein**. São Paulo: Paulus, 2013. 117 p. (Coleção Como ler filosofia)

PINTO, Paulo Roberto Margutti. **Iniciação ao silêncio**: análise do Tractatus de Wittgenstein. São Paulo: Loyola, 1998. 366 p. (Coleção Filosofia)

STEGMULLER, Wolfgang. **A filosofia contemporânea**: Introdução crítica. Tradução de Hauptstromungem der Gegenwartsphilosophie. São Paulo: Edusp, 1977. 554 p.

VON ZUBEN, A. M. **Exposição e interpretação da filosofia teórica do Tractatus Logico-Philosophicus**. VON ZUBEN, A. M. A Transcendentalidade da ética no Tractatus de Wittgenstein: A partir de sua Conferência sobre ética e do Principia Ethica de G. Moore. Joinville: Bildung, 2021 (no prelo).

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução, Apresentação e Ensaio Introdutório de Luis Henrique Lopes dos Santos. 3. ed. São Paulo: USP, 2001. 294 p.